

A noção de dêixis e sua constituição no contexto gramatical brasileiro: textualidades

Everaldo Lima de Araújo¹

Resumo: A tradição gramatical brasileira tem se constituído e consolidada em consonância com seu meio de produção, envolvendo as tradições da época, revelando, assim, tendências do entorno sócio-histórico-cultural de seus produtores. Nessa perspectiva, ao olharmos para um dado fenômeno gramatical, buscamos compreender como esse fenômeno foi se constituindo, respaldado pelos princípios e contextos da produção desse saber gramatical. Este estudo busca, nessa direção, refletir acerca da percepção da concepção de dêixis no âmbito de três gramáticas brasileiras, de momentos distintos, observando como esse fenômeno gramatical/linguístico foi se constituindo pela lupa desses vieses gramaticais. O foco de estudo pautou-se nas seguintes gramáticas: a) Gramática fundamental da língua portuguesa (Melo, 1968 [1970]); b) Nova gramática do português contemporâneo (Cunha; Cintra, 1985 [2008]); c) A gramática do português revelada em textos (Neves, 2018). As análises acerca de noções da dêixis, tomando por objeto as gramáticas selecionadas, permitiram-nos entender que o conceito desse processo referencial foi escrito em capítulos importantes na história da gramática de língua portuguesa, realizando provocações e abrindo caminhos para reflexões acerca desse fenômeno, destacando e considerando os contextos de suas produções. Cabe-nos, por fim, dizer que a produção gramatical pode e deve refletir sobre importantes encaminhamentos ligados a questões para além daquelas ditas pela tradição, contemplando fenômenos como o da dêixis, de modo a favorecer aqueles que buscam orientações/reflexões gramaticais. Entendemos haver um progresso quanto aos apontamentos ligados à questão dêitica, a partir da evolução temporal das gramáticas aqui analisadas.

Palavras-chave: Dêixis. Gramática. Gramaticografia

The notion of deixis and its constitution in the Brazilian grammatical context: textualities

Abstract: The Brazilian grammatical tradition has been constituted and consolidated in line with its production method, involving the traditions of the time, thus revealing trends in the socio-historical-cultural environment of its producers. From this perspective, when we look at a given grammatical phenomenon, we seek to understand how this phenomenon was constituted, supported by the principles and contexts of the production of this grammatical knowledge. In this direction, this study seeks to reflect on the perception of the conception of deixis within the scope of three Brazilian grammars, from

¹ Possui graduação em Letras (Português/Inglês) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos de Minas (FAFIPA) (1996), mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) (2006) e doutorado em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) (2021). Tem experiência em áreas da Linguística, da Língua Portuguesa e da Literatura Infante-Juvenil, atuando principalmente nos seguintes eixos: Linguística Textual, Estudos Discursivos e Ensino de Língua Portuguesa. É professor Adjunto IV, com regime de dedicação exclusiva (DE) do curso de Letras, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS), da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR). É Gerente de Desenvolvimento de Carreira, da Diretoria de Desenvolvimento de Pessoas (CDP), Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP). É também membro titular do Conselho Editorial da Editora da Universidade Federal de Rondonópolis (EdUFR). Orcid Id: <https://orcid.org/0000-0003-3010-0021> E-mail: everaldo.araujo@ufr.edu.br

different moments, observing how this grammatical/linguistic phenomenon was constituted through the magnifying glass of these grammatical biases. The focus of the study was based on the following grammars: a) Fundamental grammar of the Portuguese language (Melo, 1968 [1970]); b) New grammar of contemporary Portuguese (Cunha; Cintra, 1985 [2008]); c) Portuguese grammar revealed in texts (Neves, 2018). The analyses of notions of deixis, taking the selected grammars as the object, allowed us to understand that the concept of this referential process was written in important chapters in the history of Portuguese language grammar, provoking and opening paths for reflections on this phenomenon, highlighting and considering the contexts of its productions. Finally, we must say that grammatical production can and should reflect on important approaches linked to issues beyond those dictated by tradition, contemplating phenomena such as deixis, in order to favor those who seek grammatical guidance/reflections. We understand that there has been progress in the notes linked to the deictic issue, based on the temporal evolution of the grammars analyzed here.

Keywords: Deixis. Grammar. Grammaticography.

Considerações iniciais

Os estudos mais tradicionais acerca da dêixis já chamam a atenção para a ideia de dependência contextual da situação comunicativa para compreender o fenômeno. Para isso, esses estudos se apoiam nas noções de pessoa, de espaço e de tempo, centradas no *eu-tu/aqui/agora*, conforme postula Lyons (1977). Talvez, por causa disso, o tratamento da gramática tradicional ao fenômeno dêitico tem se revelado, sobretudo naquelas que circula(va)m nos espaços escolares – estudos gramaticais mais tradicionais –, muito comumente de forma implícita e a partir de categorias gramaticais específicas, que denotam as noções de pessoa, espaço e tempo. Isso vai justificar o fato de somente os dêiticos pessoais, espaciais e temporais possuírem convencionalmente formas gramaticais. Fonseca (1996) apresenta a dêixis modal, a partir do advérbio “assim”, entrando também nesse rol de categoria gramaticalmente situada.

A partir dessas considerações, podemos dizer que os elementos que promovem coordenadas dêiticas e que entram nas categorias gramaticais são: os pronomes pessoais (de primeira e segunda pessoas), pronomes possessivos (de primeira e segunda pessoas), pronomes demonstrativos e alguns advérbios de tempo, lugar e modo. Já os outros tipos de dêixis (social, textual, de memória e fictiva)², embora possuam as coordenadas dêiticas, não são contempladas por nenhuma categoria gramatical em específico, exceção feita à dêixis social, que se manifesta de modo particular em relação às demais. Vamos observar que algumas formas gramaticais,

² Cf. Araújo (2021), que trata de pesquisa doutoral defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na qual o autor apresenta oito tipologias dêiticas.

como pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos, além de advérbios, se prestam ao papel de constituição desses tipos dêiticos.

Essa exposição preliminar faz-nos entender a necessidade de debruçarmos sobre trabalhos gramaticais e refletirmos acerca da maneira como certas gramáticas lidam com o fenômeno dêitico. Consideramos essa discussão importante, uma vez que as gramáticas, além serem pontos-de-apoio para o ensino – seja para utilização em aula, seja para elaboração de material didático –, são também tomadas como fonte de reflexão teórica sobre a língua em diversos estudos acadêmicos. Desse modo, a sua contribuição, enquanto constituição acerca de um dado fenômeno, faz-se mister.

Nesse sentido, intentamos, neste artigo, refletir acerca da percepção do fenômeno da dêixis no âmbito de produções gramaticais brasileiras, buscando, com isso, observar como esse ponto linguístico/gramatical foi se constituindo pela lupa de estudiosos da linguagem da língua portuguesa nesse contexto.

Metodologicamente, cada gramática selecionada foi tomada a partir de categorias gramaticais que pudessem trazer à tona discussões acerca da dêixis, permitindo pontuações desse fenômeno por meio menções explícitas ou implícitas. Nesse sentido, selecionamos, conforme já mencionadas, quatro categorias: pronomes pessoais, pronomes possessivos, pronomes demonstrativos e advérbios (alguns tipos, particularmente aqueles ligados às noções de tempo, espaço e modo). As explanações em torno da dêixis se deram a partir de cada gramática selecionada, percorrendo essas categorias em separado. Ao passo que as reflexões arrolavam, não nos esquivamos de relacionar a análise ora empreendida a questões pontuadas anteriormente, sempre que se fizesse necessário, associando posicionados e gramáticos. Assim, entendemos que as discussões ganham em clareza e possibilitam evidenciar o potencial da discussão realizado a partir de cada gramática, mostrando as contribuições dos gramáticos no percurso historiográfico da gramaticografia brasileira, dado o recorte e organização propostos.

Assim, passemos a uma apresentação preliminar das três gramáticas selecionadas, a fim de demarcarmos o viés teórico-metodológico adotado por essas obras.

Apresentação das gramáticas discutidas

Para darmos conta dessa empreitada, tomamos três gramáticas de língua portuguesa, produzidas no Brasil³, de autorias (re)conhecidas e respeitadas na esfera escolar e/ou acadêmica. Tomamos o cuidado de utilizar gramáticas de momentos históricos distintos, sendo duas do século XX (1968 e 1985) e a terceira produzida/publicada no século XXI (2018). Entendemos que o conhecimento produzido em um determinado contexto sócio-histórico-cultural é condizente com esse momento, sendo por ele afetado. É importante frisarmos que essas produções refletem, em boa medida, os conhecimentos difundidos nos momentos de suas elaborações e carregam saberes gramaticais, por vezes, tomados à frente de seus tempos, sobretudo as gramáticas do século passado, dado o lugar da academia na época e o estágio de desenvolvimento da ciência linguística no contexto brasileiro principalmente. Desse modo, as amostras escolhidas para a discussão proposta são significativas, pois congregam saberes gramaticais de momentos distintos da nossa tradição linguístico-gramatical. A seguir, apresentamos o quadro (1) com as gramáticas selecionadas para este estudo.

Quadro 1 – Gramáticas consultadas

Autor(es)	Obra	1ª Edição	Edição consultada
Gladstone Chaves de Melo	<i>Gramática fundamental da língua portuguesa</i>	1968	1970
Celso Cunha & Lindley Cintra	<i>Nova gramática do português contemporâneo</i>	1985	2008
Maria Helena de Moura Neves	<i>A gramática do português revelada em textos</i>	2018	2018

Fonte: O autor, 2021.

³ É importante fazermos uma menção à obra de Celso Cunha e Lindley Cintra (*Nova gramática do português contemporâneo*), fruto de uma produção luso-brasileira. Apesar dessa parceria, a obra foi produzida em boa parte no Brasil, sendo, inclusive, publicada no contexto editorial brasileiro. Além disso, vale destacarmos que a maior parte do livro foi escrita pelo gramático brasileiro (Celso Cunha), reservando a Lindley Cintra a escrita dos capítulos 2 e 3, além de parte do capítulo 13. Até por isso, consideramos como sendo uma obra pensada e, certamente, aprovada por um estudioso da gramática do português brasileiro. Por tudo isso, julgamos ser esse texto pertinente ao escopo deste estudo.

A gramática de Gladstone Chaves de Melo, intitulada *Gramática fundamental da língua portuguesa*, cuja primeira edição é de 1968, se pauta no princípio de que a “gramática é a sistematização dos fatos de uma língua” (Melo, 1970 [1968], p. 8). Esse gramático, consciente de seu tempo, postula uma proposta de gramática conectada à teoria linguística, de base estruturalista, muito difundida na época, quando diz: “Só partindo de uma ideia clara e segura de *sistema, diversidade de usos linguísticos e sincronia* é que podemos pensar bem em gramática” (Melo, 1970 [1968], p. 7 – grifos do autor), o que demonstra sua preocupação com o trato gramatical em consonância com os usos reais da língua, pautada em uma metodologia asseverada. Por isso que Cavaliere (2014) vai afirmar que,

não por acaso, os termos que Gladstone põe em destaque são justamente dos mais representativos nos estudos linguísticos no final do século XX no Brasil. Cuida-se de uma Linguística sincrônica, atenta ao funcionamento do sistema e já interessada na pesquisa da língua em uso no ato de comunicação (CAVALIERE, 2014, p. 18).

A posição desse pesquisador dá a dimensão da representatividade da gramática de Melo, inclusive apontando sua conexão com as novidades linguísticas da época. Por isso, nosso entendimento quanto ao uso desse material ser pertinente para o escopo deste estudo.

A *Nova gramática do português contemporâneo*, de autoria de Celso Cunha e Lindley Cintra, foi publicada pela primeira vez em 1985. Cavaliere (2014) chama a atenção para o fato de essa gramática ter a preocupação quanto aos usos linguísticos, dando-lhes maior ênfase. Ainda segundo esse pesquisador, na mesma perspectiva da gramática de Melo (1970 [1968]), também faz parte do escopo da gramática de Cunha e Cintra se ajustar às novas conquistas linguísticas, sem, contudo, “deturpar sua histórica vocação ou pendor normativo” (Cavaliere, 2014, p. 19), conforme podemos ver nas próprias palavras dos autores:

Trata-se de uma tentativa de descrição do português atual na sua forma culta, isto é, da língua como a tem utilizado os escritores portugueses, brasileiros e africanos do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação privilegiada aos autores de nossos dias. Não descuramos, porém, dos fatos da linguagem coloquial, especialmente ao analisarmos os empregos e os valores afetivos das formas idiomáticas (Cunha; Cintra, 2008 [1985], p. XXIV).

Pelo exposto, a gramática em enfoque também se configura como um manual gramatical assentado em postulados dos estudos linguísticos da época e utiliza-se da variedade de usos da língua. Por essas considerações, similar à gramática de Melo, também vemos, nessa gramática, importante tratado para o objetivo aqui proposto.

Já *A gramática do português revelada em textos*, de Maria Helena Moura Neves, publicada em 2018, constitui-se de um dos mais atuais manuais de gramática de língua portuguesa no panorama brasileiro (quicá mundial). A autora parte do princípio que “a diretriz central é falar da língua portuguesa falando da linguagem em uso, falando dos procedimentos de constituição dos enunciados vivos na linguagem” (Neves, 2018, p. 18). Isso se pauta, evidentemente, no suporte teórico de estudos linguísticos contemporâneos e na valorização de textos reais a partir de diferentes situações de uso para refletir acerca dos fenômenos gramaticais. Nessa direção, o objetivo se estabelece a partir de uma proposta bem definida:

Orientar a condução de uma reflexão sobre o uso linguístico que leve à apreensão daqueles mecanismos gramaticais da língua construtores dos sentidos, dos valores, dos efeitos obtidos. Visa-se, pois, à apreensão da GRAMÁTICA que organiza a interação, que organiza a informação e que organiza semanticamente os textos (Neves, 2018, p. 18).

Podemos notar que as diretrizes que sustentam a proposta dessa gramática se pautam na criação de condições para se pensar os usos da linguagem de modo organizado, a partir de textos. Nesse sentido, essa obra ocupa um espaço privilegiado para aqueles que se dispõem a estudar a descrição da língua portuguesa, sobretudo nos mais diversos contextos atuais, sob a lupa de sua funcionalidade. Essa importante relação da gramática findada nos aportes teóricos dos estudos linguísticos contemporâneos já havia sido prenunciado por Cavaliere (2014):

A crescente atividade de pesquisa no âmbito da teoria do texto nas universidades e grupos de pesquisa, a par de sua significativa presença no conteúdo programático contemporâneo de Língua Portuguesa em nível médio e superior, constituem um fator propício para que as portas da gramática se abram para uma generalística abordagem teórica do texto aliada à antiga proposta de descrição sistêmica da língua, conforme já se pode encontrar na *Gramática Houaiss da língua portuguesa* [de José Carlos de Azeredo - 2008] (Cavaliere, 2014, p. 26-7).

Resta-nos por ora dizer que *A gramática do português revelada em textos* cumpre bem o que fora prenunciado por Cavaliere, graças a uma organização sistemática e robusta de dados da língua, capazes de revelar nuances que extrapolam uma descrição linguística mais restrita, em parte por causa da variedade de exemplos linguísticos tomados, bem como pelo fato de tomar o texto como fonte real e produtiva de uso da língua, conforme já expusemos. Nessa perspectiva, em se pensando nos usos dêiticos, esse estudo pode colaborar significativamente. Na verdade, Vieira (2018, p. 226) já assevera que “a produção de gramáticas brasileiras à luz da linguística contemporânea é justamente o florir de um pensamento interdito por séculos

de dominação teórico-metodológica de um paradigma de produção de conhecimento”. Nesse ponto, o fator contextual associado a Neves baliza sobremaneira essa representação de um novo momento do paradigma de produção gramatical brasileiro.

Passemos agora para a explanação do trato dado à dêixis a partir dessas três gramáticas, começando pela *Gramática fundamental da língua portuguesa*, de Gladstone Chaves de Melo.

O fenômeno da dêixis em gramáticas de língua portuguesa

Apresentamos, na sequência, como a dêixis é contemplada de forma direta ou indireta nas gramáticas de Melo (1970 [1968]), de Cunha e Cintra (2008 [1985]) e de Neves (2018). O intuito é levantar os pontos que remetem ao fenômeno dêitico presente e discuti-lo no âmbito das reflexões de produções gramaticais brasileiras.

2.1 *Gramática fundamental da língua portuguesa*, de Gladstone Chaves de Melo (1970 [1968])

Em discussões preambulares, numa seção intitulada *Teoria e prática*, Melo discute a relação dicotômica entre as palavras da língua, afirmando que umas exprimem conceitos e outras estabelecem relações. Em dado momento, o gramático explica:

Esta primeira grande divisão corresponde a dois aspectos fundamentais de qualquer língua: *nomenclatura e estrutura*.

Em ‘comprei esta gravata azul aqui mesmo’, *comprei, gravata e azul* exprimem ideias, noções, dados reais ou identificáveis no mundo exterior, ao passo que *esta, aqui e mesmo* desempenham função puramente linguística, relacionadora, estrutural. *Esta* nada diz sobre gravata em si, não esclarece se ela é boa ou má, de seda ou de algodão, comprida ou curta: apenas relaciona *gravata* com a primeira pessoa gramatical. No caso, vale o mesmo que ‘a *minha* gravata’, ou ‘a gravata *que está comigo*’. Igualmente, a palavra *aqui* nada adianta sobre a compra ou sobre a gravata: indica que a operação comercial foi realizada onde *eu* me acho. Portanto, relaciona a ação, sob a perspectiva de lugar, com a primeira pessoa. É o contexto que mostra onde é *aqui*, não o texto, não a palavra. *Aqui* tanto se aplica ao Rio de Janeiro, quanto a Santa Rita de Cocais, a Brejo das Almas ou a Berlim. Depende do lugar em que esteja *falando o eu* (Melo, 1970 [1968], p. 71-2 – grifos do autor).

Podemos notar que Melo opera com a funcionalidade de palavras a partir de dada frase, mostrando a existência de palavras que portam ideias, noções, ou seja, portam sentido no mundo exterior; enquanto outras não funcionam desse modo, operando no nível das relações. Nessa categoria, a partir do exemplo que ilustra a discussão teórica, o gramático destaca as palavras

esta e *aqui*, mostrando que elas funcionam na organização do discurso. Apesar de não mencionar a palavra dêixis, o autor acaba por mostrar que essas palavras funcionam de modo dêitico, associando-se às dêixis de pessoa e de espaço, respectivamente. No caso do *esta*, a associação à pessoa se dá pela questão emotiva, quando diz: “apenas relaciona *gravata* com a primeira pessoa gramatical”. Logo, instaura a relação de proximidade com o “eu” que enuncia. E, para arrematar essas noções dêiticas, ele afirma, por exemplo, no caso do *aqui*, que é “o contexto que mostra onde é *aqui*”. Mais uma vez, mostrando, sem nomear, a função de coordenada dêitica, no caso em questão, ligada ao espaço.

Ao falar dos pronomes pessoais, Melo afirma o seguinte: “tais pronomes indicam as pessoas gramaticais, o falante (1^a), o ouvinte (2^a) e o que não está tomando parte na conversa (3^a)” (p. 128). Nesse sentido, estabelece as orientações quanto à função pronominal na constituição dos participantes do processo comunicativo, apesar de não fazer menção à terminologia da dêixis. No caso dos possessivos, o autor menciona que esses pronomes também se associam à pessoa gramatical, destacando a carga semântica dessa classe específica, sua ideia de posse. Desse modo, mesmo que trabalhem nesse viés semântico, esses pronomes de 1^a e 2^a pessoas também evidenciam a relação com os participantes da enunciação, apesar de não serem mencionados de modo explícito.

Quanto aos demonstrativos, além de classificá-los, o gramático afirma que eles “situam os seres no espaço físico ou no tempo psicológico, referindo-os às pessoas gramaticais. Não têm, pois, significação objetiva, nocional, são palavras estruturais, de significação interna” (MELO, 1970 [1968], p. 131). Essa postulação acerca desse tipo de pronome mostra duas questões importantes associadas à dêixis, muito embora não faça menção direta a ela: i) ao situar, estabelece relações com seres no espaço físico (mundo real) ou no psicológico; ii) ao contemplar a natureza de (i), mostra sua outra faceta – ser desprovida, em si, de significação. Esses apontamentos são pertinentes para pensarmos sobre a questão da dêixis, ainda que, reafirmo mais uma vez, não haja a menção a esse fenômeno. Contudo, podemos perceber questões de essência do fenômeno dêitico, que já prenunciam no pensamento do gramático. Ao situar coisas do mundo real ou psicológico, estamos diante de uma perspectiva funcional desse elemento na proposição da dêixis espacial e da textual (mundo real) e da dêixis de memória e fictiva (mundo psicológico). O segundo ponto mostra o esvaziamento quanto ao sentido dessa categoria pronominal, exatamente pelo fato de sua função maior, comumente – mas não só –, ser o estabelecimento da coordenada dêitica. Mais uma vez, podemos dizer que a essência do

fenômeno dêitico, ligada a essa categoria pronominal, já se fazia presente nessa proposta de Melo. Noutra passagem da gramática – dedicada à sintaxe –, os demonstrativos são associados às três pessoas gramaticais, conforme explicação abaixo:

Daí vem que *este* e *isto* designam coisas da pessoa que fala, coisas que se acham nela, coisas que estão próximas dela, coisas a ela relacionadas, o tempo presente. *Esse* e *isso* designam coisas da pessoa com quem se fala, ou coisas que nela se acham, coisas dela próximas, a ela referidas, ou tempo um pouco afastado. *Aquele* e *aquilo* designam coisas remotas, distantes do diálogo, alheias ao circuito linguístico, coisas longínquas no tempo, no espaço ou no interesse (Melo, 1970 [1968], p. 269).

Nessa explicação dos usos dos demonstrativos, Melo expõe aquilo que é mais difundido nas gramáticas tradicionais brasileiras quanto à dêixis. Muito embora não nomeie esse fenômeno, nessa citação, os pronomes demonstrativos são situados quanto a seus usos ligados às dêixis espacial e temporal, a partir das três pessoas gramaticais. Noutra passagem, a partir de exemplos com uso dos demonstrativos *estas/isto*, o autor apresenta a seguinte nota: “Quando se refere a palavras do texto, palavras que se proferiram ou que se vão proferir, o demonstrativo é *anafórico*; quando se refere a pessoas ou coisas, indicando-lhes a situação ou determinando o momento da ação, em relação ao falante, o demonstrativo é *dêitico*” (Melo, 1970 [1968], p. 272). Temos aqui a manifestação explícita da consciência quanto a uma das possíveis operacionalizações do fenômeno dêitico, exatamente a partir de sua explicação ligada a uma orientação de cunho co(n)textual. Quanto ao anafórico, tomamo-lo, neste estudo, como um caso de hibridismo, uma vez que ele também opera enquanto dêitico textual, apesar de isso não ter sido referido textualmente pelo gramático. De qualquer modo, mais uma vez frisamos que as bases para essa compreensão atual já se encontram assentadas no texto de Melo, quando ele percebe esse duplo processo de referenciação do demonstrativo.

A apresentação da classe de advérbios, por sua vez, se pauta a partir da ligação do seu conceito à palavra que circunstância ou intensifica a significação de um verbo, de um adjetivo ou de outro advérbio. Além disso, o autor classifica essa classe de palavra em seis categorias, dentre elas os advérbios de lugar, de tempo e de modo, exemplificando-os com palavras adverbiais de cada tipo. O tratamento aos advérbios não apresenta explanação quanto aos usos, de modo a não nos permitir pensar no seu funcionamento dêitico, talvez até pelo fato de essa classe ser tomada comumente como multifacetada, conforme o próprio autor pontua, o que poderia demandar múltiplos enfoques para cada subtipo adverbial. Nesse sentido, Melo optou por apresentar considerações mais gerais da classe, em conformidade com a Nomenclatura

Gramatical Brasileira (NGB). Na parte de sintaxe, vamos encontrar algumas explicações sobre advérbios, que desempenham determinadas circunstâncias (como *aqui* → lugar, *aqui* → tempo, *ai* → tempo, *sempre* → tempo), sem menção direta às noções ligadas às dêixis, dando destaque a uma reflexão que opera no nível de valores significativos, a partir das categorias elencadas.

Nova gramática do português contemporâneo, de Celso Cunha e Lindley Cintra (2008 [1985])

No que diz à gramática do brasileiro Celso Cunha e do português Lindley Cintra, *Nova gramática do português contemporâneo*, vamos observar que, em muitos pontos, a perspectiva adotada por esses gramáticos se alinha à proposta de Melo, conforme mostraremos na sequência. Na abordagem sobre os pronomes pessoais, Cunha e Cintra, próximos do que fora explanado por Melo (1970 [1968]), afirmam que esses pronomes se caracterizam por denotarem as três pessoas gramaticais, isto é, por terem a capacidade de indicar no colóquio: a) quem fala = 1ª pessoa; b) com quem se fala = 2ª pessoa; c) de quem se fala = 3ª pessoa. Acrescentam que “a pessoa com quem se fala pode ser expressa também pelos chamados PRONOMES DE TRATAMENTO, que se constroem com o verbo na 3ª pessoa” (Cunha; Cintra, 2008 [1985], p. 290). Observamos que, apesar de os pronomes de 1ª e 2ª pessoas se remeterem à dêixis de pessoa e os pronomes de tratamento se associarem à dêixis social, esses autores não fazem menção ao fenômeno dêitico, muito embora a exposição dos gramáticos toque no papel que tais pronomes realizam no discurso, o que, de certo modo, retoma ponto importante acerca da dêixis pessoal. Ressaltamos que, na seção dos *pronomes de tratamento*, é realizada uma explicação pertinente sobre os usos desses pronomes, em termos de produção de sentidos, o que nos faz pensar no olhar que empreendemos acerca da dêixis social, atualmente, se não em termos da sua natureza dêitica, mas em termos de seu funcionamento discursivo.

Em relação aos pronomes possessivos, os gramáticos vão dizer que esses pronomes, a exemplo dos pronomes demonstrativos, estão estreitamente relacionados aos pronomes pessoais. Essa posição, logo no início da seção, já marca a relação discursiva desses pronomes para com os participantes da cena enunciativa. Por isso que, para eles, os pronomes possessivos indicam o que cabe ou pertence às pessoas no discurso. Embora essa discussão prepare o terreno para uma associação aos postulados da dêixis, tal avanço não ocorre, explorando mais a reflexão gramatical, de base classificatória. A discussão do uso desse pronome com valor afetivo revela-se, contudo, importante reflexão para pensarmos no efeito de sentido enunciativo ligado à dêixis

social, em situações como “meu caro leitor”, “meu velho”, “meu amigo”, etc., atrelado a uma noção de intimidade, de amizade por parte do locutor de tais expressões.

Os pronomes demonstrativos, por sua vez, são apresentados pelos gramáticos como aqueles pronomes que “situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. Podem situá-la no espaço ou no tempo” (Cunha; Cintra, 2008 [1985], p. 342). Ora, estamos diante de uma conceituação desses pronomes pelo viés do fenômeno dêitico. Aliás, os próprios gramáticos explicam essa posição: “A capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo, a chamada FUNÇÃO DEICTICA (do grego *deiktikós* = próprio para demonstrar, demonstrativo), é a que caracteriza fundamentalmente esta classe de pronomes” (p. 342). Os autores também mencionam a natureza anafórica desse pronome, que, conforme já dito, a nosso ver, pode se sobrepor à função das dêixis textual, além da de memória ou da fictiva.

Na seção *Valores gerais*, vamos encontrar várias situações em que são explicadas as relações dos pronomes demonstrativos a partir de suas relações com as pessoas do discurso, explicitando suas características ligadas à pessoa, ao espaço e ao tempo. Ainda que não mencione a nomenclatura da dêixis, essas reflexões se dão a partir de coordenadas dêiticas. Na verdade, esse tipo de abordagem – mais dêitica – é ponto mais recorrente nas gramáticas tradicionais, para não dizer o único, com variações de maior/menor enfoque dado a esse tópico. Chama-nos a atenção também, em outra seção da gramática, a seguinte posição de Cunha e Cintra:

Com frequência, na linguagem animada, nos transportamos pelo pensamento a regiões ou a épocas distantes, a fim de nos referirmos a pessoas ou a objetos que nos interessam particularmente como se estivéssemos em sua presença. Linguisticamente, esta aproximação mental traduz-se pelo emprego do pronome *este (esta, isto)* onde seria de esperar *esse* ou *aquela* (Cunha; Cintra, 2008 [1985], p. 345).

A nosso ver, esses gramáticos flertam com importante ponto do uso dêitico por meio do emprego de pronomes demonstrativos. Ao reclamar do “este” (e suas flexões) no lugar de “esse” ou “aquele” em determinados contextos, os autores tocam em questões de variações desses pronomes a partir do espaço da memória, sem detalhar, exatamente, como se dão essas relações. Podemos, contudo, perceber que essa incursão nos permite vislumbrar pontos que a aproxima das reflexões acerca da dêixis de memória (Ciulla, 2002) e da fictiva (Fonseca, 1989), como a noção de recorrência à memória/conhecimento partilhado, assim como a de transposição, também postulada por Fonseca (1989).

Por fim, na seção *Empregos particulares*, vamos nos deparar com situações de uso dos demonstrativos “este”/“esse” (e flexões) numa perspectiva da dêixis textual, embora não façam menção a essa terminologia linguística. Destacamos que o funcionamento dêitico a partir dos demonstrativos também se mostrou relevante quanto a propostas estilísticas ligadas aos seus mais variados usos, conforme detalhado pelos autores. Essa faceta de incursão estilística revelou-se também um aspecto positivo na apresentação desse ponto gramatical pelos autores, uma vez que joga luzes sobre efeitos de usos dos demonstrativos.

Por fim, quanto à categoria dos advérbios, Cunha e Cintra propõem conceituar tal categoria e classificar seus tipos de modo similar a Melo (1970 [1968]). Ao apresentarem a classificação dos advérbios e locuções adverbiais, inserem nesse rol os *de lugar*, *de modo* e *de tempo*, dentre outros, seguida de exemplos de palavras da classe, sem, contudo, explanar possíveis orientações de uso, que pudéssemos associar à questão da dêixis. Tal apagamento pode ser justificado pelo fato de se tratar de uma classe de palavras muito heterogênea, conforme justificativa dada acerca da discussão feita a partir de Melo (1970 [1968]), quando abordamos este ponto anteriormente.

A gramática do português revelada em textos, de Maria Helena de Moura Neves (2018)

Para fins de cotejo, a gramática de Maria Helena de Moura Neves – *A gramática do português revelada em textos* –, apesar de apontar questões de natureza normativa/prescritiva, tendo em vista a elucidação do fato linguístico, se calca também em indicações funcionais e discursivas. A autora explica que

estas lições [da gramática] se assentam na ideia de que a reflexão sobre similaridades, regularidades, diferenças de formas e usos linguísticos, e consequentes diferenças de obtenção de significados e efeitos na linguagem, representa um processo de construção da GRAMÁTICA da língua. Representa, afinal, compreender e explicitar aquele cálculo de produção de sentido que é a própria GRAMÁTICA (Neves, 2018, p. 24).

Essa posição de Neves revela uma faceta gramatical comprometida em compreender a linguagem em uso a partir de situações diversas, centrada no aporte teórico de estudos linguísticos atuais. Com isso, deparamo-nos, por exemplo, com incursões gramaticais acerca de classes de palavras sob um olhar mais condizente com a perspectiva funcionalista/discursiva, contemplando, portanto, aspectos ligados à dêixis, inclusive utilizando-se de terminologia dessa

área. Tal posição não poderia ser diferente, se partirmos da ideia de que essa autora está inserida num contexto acadêmico-científico de reflexões linguísticas ligadas à perspectiva mencionada, que acaba por respaldar as elucubrações gramaticais propostas na obra em questão.

Os capítulos que enfocam a classe dos pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos são o que melhor exploram questões discursivas dessa classe, no tocante a conexões com postulados da referenciação. Logo no início da abordagem sobre os pronomes pessoais, Neves define: “O PRONOME PESSOAL é uma palavra referencial, isto é, sua função básica é fazer referência a uma das pessoas do discurso (referência pessoal)” (Neves, 2018, p. 464). Esse conceito é seguido de explicação acerca da relação desses pronomes com o processo de interlocução, a partir da sua classificação, o que é pertinente para associá-los à natureza dêitica. Nessa perspectiva, a função referencial no discurso por meio desses pronomes implica duas direções: i) para fora do enunciado, ligado à situação de discurso, chamado de dêixis pessoal, ainda que a autora não nomeie assim; ii) para dentro do discurso, funcionando internamente no texto, comumente chamado de anafórico. À primeira direção, pontua a autora, “do ponto de vista da sua função referencial, os PRONOMES que representam as pessoas que realmente produzem o discurso (os interlocutores) são, pois, os de 1ª e 2ª pessoas” (p. 467), ou seja, os dêiticos pessoais.

A exemplo dos pronomes pessoais, os pronomes possessivos também se associam às pessoas do discurso. Segundo Neves (2018, p. 516), “a referenciação feita pelos elementos tradicionalmente chamados POSSESSIVOS constitui, assim, um tipo de referência pessoal”. Nesse sentido, para além das questões semânticas implicadas quanto ao uso dessa classe, esse tipo de pronome reforça a instauração das pessoas que participam do discurso, quando relacionado às 1ª e 2ª pessoas. Portanto, implicitamente, Neves trabalha com a indicação da ideia da dêixis de pessoa a partir dessas marcações pronominais.

Já no caso dos pronomes demonstrativos, “trata-se de um recorte deiticamente tripartido que se faz com esses PRONOMES denominados DEMONSTRATIVOS na nossa língua” (NEVES, 2018, p. 534). Isso porque esses pronomes comumente se realizam a partir das formas “este”, “esse” e “aquele” (e suas flexões) para realizarem a referenciação, particularmente, o processo da dêixis. A autora explora a noção de escala de proximidade e distância – a qual não considera absoluta – associada a uma contraparte na relação desses três pronomes com as três pessoas do discurso. Nessa direção, essa pesquisadora postula que

o PRONOME DEMONSTRATIVO é uma palavra referencial, isto é, sua função básica é fazer referência aos objetos de discurso, aos referentes. Essa referenciação se faz na própria situação de discurso (...), ou internamente ao texto, por menção à posição relativa dos referentes no texto (Neves, 2018, p. 356).

O conceito defendido pela gramática toca nas bases da discussão acerca da referenciação de forma explícita, todavia encaminha a reflexão para a natureza anafórica dos demonstrativos. Ao manifestar que esse tipo de pronome se realiza em relação à situação de discurso ou no texto, a autora abre espaço para associarmos esse funcionamento pronominal ligado às dêixis espacial/temporal e à dêixis textual, o que caracterizaria um caso de hibridismo de processos referenciais, conforme já dito. Noutro momento, Neves vai expor que “a primeira implicação da referenciação DEMONSTRATIVA diz respeito, de fato, às pessoas do discurso. Trata-se de referência para fora do texto (para a situação de discurso, ou de interlocução) (...). Nesse caso, a referenciação tem sido chamada, especialmente, de **dêítica**” (Neves, 2018, p. 539 – grifos da autora). Compreendemos, portanto, que fica evidente o reconhecimento do funcionamento dos demonstrativos dentro de uma conjuntura enunciativa, estabelecendo-se a partir de orientações coordenadas dessa cena de enunciação, visando à realização dêítica.

Esses demonstrativos vão, assim, na visão da autora, ocorrer em situações/funções distintas, podendo indicar localização espacial quanto à proximidade/distanciamento com o falante, denotando noções dêíticas de espaço ou de tempo. Outra perspectiva abordada diz respeito à natureza referenciadora altamente coesiva desses pronomes, funcionando como dêixis textual, ainda que não nomeie textualmente. Cabe-nos salientar que a realização dêítica dos demonstrativos também se revela importante quanto a percepções estilísticas atreladas aos mais variados usos, bem explanados pela autora.

Ao falar dos advérbios, Neves chama a atenção para a natureza dêítica de algumas categorias dessa classe. Segundo ela, por exemplo, “o ADVÉRBIO *assim*, além de indicar modo, também opera uma referenciação no texto, podendo ser apontado como um ADVÉRBIO que tem natureza pronominal, com um comportamento fórico” (Neves, 2018, p. 359 – grifos da autora). O destaque dado a esse advérbio reconhece sua funcionalidade fórica, contudo não o associa explicitamente ao fenômeno dêítico. A preocupação descritiva da autora recai sobre a característica remissiva do advérbio, atrelada a uma circunstância de modo.

Quanto aos advérbios que marcam localização no tempo, a pesquisadora pontua que tal categoria se pauta na trinca *hoje, ontem e amanhã*. Ao enunciar essa questão, Neves, logo de início, marca a perspectiva desse advérbio por orientações temporais que devem se associar a

um agora, a uma anterioridade e a uma posterioridade. Após apresentar exemplos dessa classe a partir de um poema, a autora postula:

As indicações de tempo desses três ADVÉRBIOS [*ontem, hoje e amanhã* – contidos no poema] são dêiticas, ou seja, ligam-se à enunciação, ao ato de fala, definindo-se por relação à primeira pessoa (a que fala: o *eu*) e combinando-se com indicações do lugar, este também definido por relação à pessoa que fala. O lugar, no poema, é o do “eu” do autor: ou seja, é o *aqui* do poeta e do seu ato de fala; e o tempo, no poema, também é o do “eu” do autor: ou seja, é o *agora* do poeta e do seu ato de fala (Neves, 2018, p. 373 – grifos da autora).

Em outros termos, Neves estabelece conexões do advérbio de tempo, assim como do de lugar, com postulados caros aos estudos das dêixis temporal e espacial: realizam-se a partir de uma cena enunciativa, instaurada por meio de uma *origo*⁴ – na qual o “eu” marca o ponto de origem para implementação das coordenadas dêiticas. Reforçando essa ideia e focando na posição circunstancial estabelecida pelos advérbios de lugar, a autora destaca a ancoragem deles no circuito comunicativo, ou seja, “existe em relação ou com os participantes do discurso ou com pontos de referência do texto, numa escala de proximidade espacial. Assim, em princípio (mas não rigorosamente), pode-se indicar que esses advérbios fazem referência à situação do ato comunicativo” (Neves, p. 380). Além dessa associação à dêixis espacial, temos também uma menção à dêixis textual, quando a autora salienta a existência de um ponto de referência na tessitura do texto, indicando, desse modo, uma noção espacial. Tal postulado é também defendido pelos estudos da dêixis atualmente.

Encaminhamentos conclusivos

As reflexões empreendidas acerca de noções da dêixis, tomando por objeto as gramáticas selecionadas, permitem-nos entender que o conceito desse processo referencial tem sido escrito em capítulos importantes na história da gramática de língua portuguesa, que realizam provocações e abrem caminhos para reflexões acerca desse fenômeno, como “sementes cultivadas em solos férteis”, particularmente nas duas primeiras gramáticas: na de Melo e na de Celso e Cunha. Vale lembrarmos que, levando em conta o contexto de suas

⁴ Cavalcante (2000), apoiada no pensamento de Bühler (1982 [1934]), afirma que o enunciador se fixa como ponto zero do sistema dêitico – a *origo* –, estabelecendo-se enquanto ponto de referência do contexto enunciativo imediato.

produções, o desenvolvimento do conhecimento linguístico brasileiro ainda não havia consolidado as bases das reflexões funcionalistas/textuais/discursivas. Salientamos, inclusive, que a Linguística Textual, por exemplo, só veio a ganhar força no Brasil somente na década de 1980. Logo, é natural que as duas primeiras gramáticas se apoiem numa proposta prescritiva e descritiva mais condizente com a tradição gramatical.

Já a terceira gramática (de Neves), comunga dos ideais mais modernos de uma gramática assentada numa reflexão linguística, em consonância com os estudos funcionais e discursivos. Certamente, por isso, deparamo-nos com reflexões atuais acerca da dêixis, e da referenciação como um todo, pautando na diversidade de usos e na farta exemplificação. Recorrentemente, as considerações pontuadas dialogam com o constructo teórico desenhado pelos atuais estudos linguísticos, em conformidade com a perspectiva adotada e a própria natureza de um tratado gramatical.

Por fim, resta-nos dizer que a produção gramatical pode e deve refletir sobre importantes encaminhamentos ligados a questões para além daquelas ditadas pela tradição, contemplando fenômenos como o da dêixis, de modo a favorecer aqueles que buscam orientações/reflexões gramaticais. Entendemos haver um progresso quanto aos apontamentos ligados à questão dêitica, a partir da evolução temporal das gramáticas aqui analisadas.

Na verdade, acreditamos que essa atenção para o funcionamento dêitico nas gramáticas – em maior ou menor escala – representa um olhar para a linguagem sob um prisma que ultrapassa a concatenação de modos de organização da língua em função de uma certa reflexão discursiva, dentro dos limites espaço-temporais de suas produções. Nesse sentido, isso representa um passo importante para a própria gramática (re)pensar o fenômeno linguístico, sobretudo levando em conta o contexto em que se produziram as gramáticas do século passado, o que pode significar, quanto a essa temática, um trabalho precursor desses estudos. Muito provavelmente outras gramáticas contemporâneas também tenham contribuído (a contribuir) no que se refere à descrição desse fenômeno, haja vista a produção gramatical atualmente, bem como levando em conta as condições de produção implicadas.

As considerações aqui apontadas jogam luzes na literatura linguística sobre o tema da dêixis, na medida em que mostra posicionamentos gramaticais brasileiros acerca dessa discussão. Desse modo, esta reflexão permite-nos perceber não somente o desenvolvimento da abordagem dêitica, pelo viés das três gramáticas utilizadas, em três momentos distintos da tradição gramatical brasileira, como também nos propõe olhar para traços de deiticidade em

determinadas categorias gramaticais. Dessa feita, chama-nos a atenção para aspectos formais e funcionais do fenômeno dêitico, encaminhando, inclusive, valores afetivos.

Nessa perspectiva, podemos constatar, a título de ilustração, que a classe gramatical dos demonstrativos, na proposta de Cunha e Cintra (2008 [1985]), por exemplo, pode revelar “gestos verbais” de modo a expressarem matizes afetivos ligados a surpresa/espanto, admiração/apreço, indignação, pena/comiseração, ironia/malícia e sarcasmo/desprezo. Já Neves (2018) destaca que essa classe pode explorar vieses de qualificador depreciativo, realizar referência irônica e qualificar positivamente. Os posicionamentos afetivos trabalhados nas gramáticas podem se associar a sentidos intensivos, a determinadas entonações particulares e a posicionamentos irônicos, que podem perpassar vários matizes.

Referências

- ARAÚJO, Everaldo Lima de Araújo. *Marcas dêiticas como projeto de autoria em cartas pessoais de Graciliano Ramos*. 2021. 257 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.
- BÜHLER, Karl. The deictic field of language and deictic words. In: JARVELLA, R. J.; KLEIN, W. (ed.). *Speech, place and action: studies in deixis and related topics*. New York: John Wiley and Sons, 1982 [1934]. p. 9-30.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Expressões indiciais em contexto de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos*. 2000. Recife, 205 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, 2000.
- CAVALIERE, Ricardo. *A gramática no Brasil: ideias, percursos e parâmetros*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.
- CIULLA, Alena. *A referência anafórica e dêitica: com atenção especial para os dêiticos discursivos*. 2002. Fortaleza, 90 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará. 2002.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. 2. impr. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008 [1985].
- FONSECA, Fernanda Irene. *Dêixis, tempo e narração*. Porto: Fund. Eng. António de Almeida, 1989.
- FONSECA, Fernanda Irene. Dêixis e pragmática linguística. In: FARIA, Isabel Hub; PEDRO, Emília Ribeiro; DUARTE, Inês; GOUVEIRA, Carlos A. M. (org.). *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996. p. 437-445.
- LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. v. 2.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970 [1968].

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

VIEIRA, Francisco Eduardo. *A gramática tradicional: histórica crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2018. (Lingua[gem], 80).

Aceito em: 10 de março de 2025.

Recebido em: 05 de maio de 2025.